

GÊNERO E SEXUALIDADE COMO PARTE DO AMBIENTE ESCOLAR: UM ESTUDO DE CASO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA ACERCA DO TEMA NO COTIDIANO ESCOLAR.

Leonardo Vieira Silva

Universidade Federal Fluminense – vieira_leonardo@id.uff.br

João Victor Goulart de Oliveira Guimarães

Universidade Federal Fluminense – joaovictorguimaraes@id.uff.br

Introdução

O presente trabalho visa a partir do estudo de caso trazer contribuições sobre o tema sexualidade no ambiente escolar. O debate na atualidade configura um desafio, visto que o sistema educacional brasileiro passa por reformas, sendo a primeira, o Ensino Médio e na sequência a reforma da Base Nacional Comum Curricular, sendo impossível dissociá-las da política, pois é na esfera política que tudo isso acontece. Mencionamos a questão política, pois o debate de gênero e sexualidade no âmbito educacional ganhou essa característica, diante do fato que o ensino sobre a temática é entendido por uma parcela dos formuladores de políticas educacionais, como algo doutrinário, que cunhou o termo pejorativo "ideologia de gênero"¹. Diante disto, a nossa pesquisa tem como foco tentar entender como gênero e sexualidade estão presentes no ambiente escolar, no primeiro momento, a partir do estudo de caso com os alunos do ensino médio, cujo presente trabalho tem como pretensão trazer suas primeiras contribuições acerca do tema. A segunda etapa será entender como os profissionais, neste caso, os professores de biologia, inserem o debate nas suas práticas educacionais. E a terceira e última etapa, tem como pretensão, entender como, e se, o tema é abordado no processo de formação do profissional, tendo como foco de pesquisa os alunos do curso de graduação de licenciatura em Biologia da Universidade Federal Fluminense.

A disciplina de didática foi o ponto de partida da pesquisa, pois nela foi proposto realização de um trabalho. A proposta da professora era que realizássemos visitas em escolas para o acompanhamento de aulas referentes às nossas áreas, com a intenção de observar as formas de aplicação das práticas pedagógicas dos professores. Diante da proposta e das visitas, emergiu um problema de pesquisa, que foi entender, a partir do estudo de caso, como o tema do gênero e sexualidade são abordados, sendo os mesmos, parte do ambiente escolar. A pesquisa foi realizada em duas escolas periféricas, a primeira no município de Belford Roxo, baixada fluminense. E a segunda no município de Maricá, região oceânica, ambas do Estado do Rio de Janeiro.

¹ A "Ideologia de Gênero afirma que ninguém nasce homem ou mulher, mas deve construir sua própria identidade, isto é, o seu gênero, ao longo da vida. (Cartilha "Você já ouviu falar sobre a Ideologia de Gênero?". <http://portal.conservador.com/insercão-da-ideologia-de-genero-depois-do-plano-nacional-de-educacao/> (Acesso em 01/05/2018).

Durante as observações, as questões tendo como base o gênero e sexualidade emergiram, mesmo que em contextos escolares distintos, como foi o caso. Ao acompanhar as aulas de biologia, o pesquisador² que fazia esse acompanhamento, se defronta com as aulas sobre sexualidade segundo o viés biológico. Centralizado apenas nessa visão, sem ser problematizado sobre o que seria esse biológico e as questões de gênero, que dialogam com o contexto social. Muito embora a professora alegasse que tivesse “liberdade” e “flexibilidade”, no que se refere às temáticas, mas também, expressa que depende também do interesse dos alunos. E ao contrastarmos o discurso da professora, como dia a dia da sala de aula, que tem alunos que demonstravam suas dúvidas através de perguntas anônimas, como “é possível engravidar e continuar menstruando?”, e algumas vezes de forma espontâneas, como “Por quê uma bola é maior que a outra?”, podemos entender que o tema tem relevância para os alunos, no tocante das curiosidades acerca de si. Estes questionamentos dos alunos traz a seguinte reflexão: o que a professora está nomeando de “interesse dos alunos”?

Fazemos esse apontamento, visto que o pesquisador de Ciências Sociais ao acompanhar as aulas de sociologia, constata o não debate sobre gênero e sexualidade, mesmo que no decorrer das aulas, questões do cotidiano envolvendo o tema tenham sido abordados pelos alunos na sala de aula. Entretanto, como as visitas tinham o caráter de entender o dia a dia da escola, o intervalo entre as aulas, foi o local onde houve a emergência do tema para esse pesquisador. Uma vez que o mesmo, ao participar com os alunos de um diálogo, o seguinte tema emergiu:

Amiga³: “Débora! Felipe quer ficar com você!”.

Pesquisador: Não fique vermelha por minha causa, essas coisas são normais, não é?!”.

Menino 1: Lógico, estamos na idade disso.

Pesquisador: E o que seria essa idade?

Menino 1 e 2: Na sala de aula nós não falamos sobre isso, mas todo mundo faz e gosta.

Pesquisador: O que todos fazem e gostam?

Os Meninos a Menina 1: Sexo, professor!

Menina 1: Nós não falamos sobre isso nas aulas de sociologia. Já falaram uma vez sobre sexo na aula de biologia, mas foi muito chato.

Pesquisador: E como vocês tiram as suas dúvidas sobre o tema?

Menino 2: Professor! Isso é uma coisa que todo sabe, já nascemos sabendo. E conversamos sobre isso no intervalo das aulas. E lógico, né, praticamos⁴.

É nesse ponto que as observações se convergem, pois embora ambas as escolas estejam separadas geograficamente, ambas têm um ponto em comum, que é a vivência de uma sexualidade por parte dos alunos dentro do espaço escolar, mas que não passa pelo debate dentro da sala de aula. E dito isto, aprofundaremos essa análise.

² Uso a nomenclatura de pesquisador para gerar uma diferenciação entre o aluno da graduação e os alunos do ensino médio. Para que assim, balize melhor o entendimento do leitor.

³ Adotamos a nomenclatura de Amiga, Menino 1 e 2 e Menina 1, de forma genérica, no intuito de não explicitar a identidade dos alunos, pois entendemos que o importante para o trabalho é o diálogo entre o professor e alunos, mantendo assim o princípio ético e a proteção dos nossos interlocutores.

⁴ Diálogo realizado durante as observações nas escolas no segundo semestre de 2017.

Tanto nas observações das aulas de biologia quanto nas aulas de sociologia, o debate sobre gênero e sexualidade não são trabalhados. No caso da sociologia eles são evitados, mesmo que ela surja na sala de aula. O entendimento sobre essa evitação é trabalhada por Munhoz, ao entender que:

“Temas referentes a sexo e sexualidade são, muitas vezes, evitados, tratados como tabus, como obscenos, impuros e envoltos numa atmosfera de pecado. As instituições, dentre elas a escola, manipulam e controlam o sexo em toda sua dimensão, criando por sua vez, padrões, estereótipos e discriminação” (MUNHOZ, 2017, p. 6).

Pensando conforme Nogueira, ao longo da história ocorreram mudanças de comportamentos e crenças relacionadas à sexualidade. Em diferentes culturas, essas mudanças foram se tornando questionáveis em todos os campos de conhecimentos, que inicialmente eram encarados como natural e posteriormente certos relacionamentos eram tidos como anomalias, como a homossexualidade que era considerada doença. O debate acerca dessa temática tem grande relevância nas relações entre a mudança e o processo de ensino aprendizagem, contribuindo para a reflexão sobre outras formas de organização social e sobre como a escola deve agir no mundo atual, para produzir mudanças de paradigmas através da produção de conhecimentos que nos leve a uma vida digna sem desigualdades sociais (NOGUEIRA, 2010, p. 14).

E ao aprofundarmos o tema, nos depararemos com uma dicotomia construída socialmente, que é a sexualidade pertencente ao campo das ciências biológicas, e o gênero, por estar no plano das subjetividades, tem o seu local nas ciências humanas, nesse caso, na sociologia. De acordo com Stratern, esse entendimento sobre gênero e sexualidade acontece tendo como referencial a dicotomia entre natureza e cultura, sendo a sexualidade algo do campo da natureza e o gênero pertencente ao campo da cultura (STRATHERN, 1980).

Ao darmos densidade as análises, nos depararemos com um silenciamento sobre o tema de gênero e sexualidade. E entendemos como silenciamento, a postura dos professores observados, em que o primeiro transfere para o aluno a responsabilidade do interesse de um tema. No caso da professora de sociologia, o silenciamento do assunto fica mais evidente. Uma vez que a professora, mesmo diante do tema explicitado na sala de aula, refuta a problematização. Esse silenciamento, ao nosso entendimento, não é por acaso, mas sim, intencional, visto o grau de complexidade da questão, assim como a propagação da ideia de que a disciplina estaria doutrinando os alunos, tendo como argumentativa a “ideologia de gênero”, como explicitado no início

Posto isto, teremos como possíveis consequências desse silenciamento a iniciação prematura ou não da vida sexual desses adolescentes, tendo a troca de vivência como elemento norteador das suas práticas sexuais, sendo isso uma problemática dentro da escola, que passa pelo processo de negação ou pela tentativa de que os atos dos alunos não venham a público. Segundo Donizete a instituição escolar não deveria estar alheia ao que acontece dentro do seu âmbito, pois tal atitude tem consequências nos contextos intra e extramuros, no que se referem aos jovens (DONIZETE, 2010, p.15), e isso pode ser evidente no espaço escolar através da gravidez precoce, das doenças sexualmente transmissíveis, e do bullying, devido a orientação sexual do sujeito em questão, visto que por detrás desse ato de violência, está a questão de gênero e sexualidade.

É importante pontuar que, ao falarmos disso, estamos entendendo que a escolar é um local onde todos os assuntos da vida cotidiana serão transversais, o que impossibilita a ausência de debate. Nesse sentido, a seguinte análise ratifica essa percepção:

“Há muitos anos que o tema da orientação sexual nas escolas vem sendo tratado por atividades pontuais, como palestras desenvolvidas por médicos ou psicólogos reunindo um grupo grande de educandos em determinado espaço, ou pela abordagem da área de ciências de assuntos ligados à reprodução, métodos anticoncepcionais e doenças sexualmente transmissíveis. Ainda é comum encontrarmos professores que defendem que o tema da sexualidade só pode ser tratado por profissional especializado no assunto, tal como, médicos, psicólogos, enfermeiros e o professor de ciências e biologia” (SOUZA & COAN, 2013, p. 5).

Na atual conjuntura sócio-política brasileira, o debate foi retirado da pauta, através da Reforma do Ensino Médio e da Reforma da Base Nacional Comum Curricular, como abordamos no início desse trabalho. Através disso, o ensino e o debate sobre gênero e sexualidade transcendente ao caráter morfofisiológico, se mostrando de vital importância na formação escolar de adolescentes por profissionais.

Considerações finais

Cabe trazer algumas considerações acerca deste trabalho. A primeira tem como viés olhar para o alunado e fazer com que possamos dar ouvido a esses atores sociais, para além de seres biologicamente construídos. Ou seja, entender os meandros das suas falas e práticas. A segunda estaria na própria questão do ensino. Olhar o ensino pelos olhos dos alunos nos possibilitou entender que esse profissional, também tem dificuldade de entender essa demanda social, devido a muitos fatores, mas que cabe estender a pesquisa para o âmbito do ensino superior para tentar entender como o tema é ou não, abordado na graduação. E ainda podemos ver como a transferência de responsabilidade acerca do tema está pautado no silenciamento que o profissional sofre, que tem fundamentação sócio-político. Nesse contexto, o profissional da educação não deve se eximir desse debate, já que exerce papel fundamental na formação do pensamento crítico do aluno, uma vez que, através dos seus conhecimentos, é responsável pela orientação dos discentes.

Referências

- CARTILHA "Você já ouviu falar sobre a Ideologia de Gênero?".
<http://portalconservador.com/a-insercao-da-ideologia-de-genero-depois-do-plano-nacional-de-educacao/> (Acesso em 01/05/2018).
- DONIZETE, Nayara Lima. Sexualidade infantil: Um olhar pedagógico. Monografia para a obtenção do título de pedagoga, Aparecida de Goiânia, 2010.
- MAC. CORMACK, Carol P. & STRATHERN, Marilyn. Nature, Culture and Gender. Cambridge University Press, 1980.
- MUNHOZ, Camila. Monografia para obtenção de título de bacharel em Ciências Biológicas. SP, 2017.
- NOGUEIRA, Daniela Macias. Gênero e sexualidade na educação. Anais do I Simpósio sobre Estudos de Gênero e Políticas Públicas, UEL, 2010.
- SOUZA, S. L. e COAN, C. M.; Abordagem da sexualidade humana em livros didáticos de biologia, 2013.